



## Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.dfg@dabr.com.br

### Choro internacional

Fiquei feliz em ler a notícia de que o Clube do Choro e a Escola de Choro Raphael Rabello retomaram, oficialmente, as atividades presenciais, com a realização do Eicho — Encontro Internacional do Choro, que se encerra hoje, com programação ampla e atraente. Esses dois anos de isolamento social impostos pela pandemia não foram fáceis para os músicos. Muitos deles tiveram de, em determinado momento, sair pelas superquadras para tocar e, literalmente, passar o chapéu para sobreviver.

Tem pela sobrevivência de duas instituições cruciais para Brasília: o Clube do Choro e a Faculdade Dulcina de Moraes. Aos trancos e barrancos, elas se seguraram, mas precisam de apoio para dar continuidade a suas atividades. Nunca é demais reiterar a alta relevância que têm o Clube do Choro e a Escola de Choro Raphael Rabello. Elas são tão interdependentes que é quase impossível mencionar uma sem se referir à outra.

É linda a história do choro em Brasília. Tive o privilégio de acompanhar alguns momentos memoráveis. Imagine você ter na cozinha de sua casa tocando Waldir Azevedo, Tio João do Trombone, Avena de Castro, Pernambuco do Pandeiro, Bide da Flauta?

Era isso que acontecia no apartamento da flautista Odette Ernest Dias, na 109 Sul. Quando não havia mais lugar para ninguém no apartamento, a reunião teve de ser transferida. Ali, nascia o Clube do Choro.

Sem o clube talvez o choro se dispersasse e não alcançasse a expressão que atingiu. E Reco tem uma importância fundamental nesta história. Antes do Clube do Choro e da Escola Raphael Rabello, o choro era “música de velho”; depois, passou a ser música de todos. Hoje, existe uma legião urbana de crianças e adolescentes que fazem diabruras com um violão, um cavaquinho ou um pandeiro.

Os alunos assistem aos shows, os instrumentistas tocam na escola, a

interação é grande. Hamilton de Holanda tomou choro na mamadeira no Clube do Choro, convivendo com Bide da Flauta, Pernambuco do Pandeiro e Tio João do Trombone. O violonista Rafael dos Anjos fez percurso semelhante.

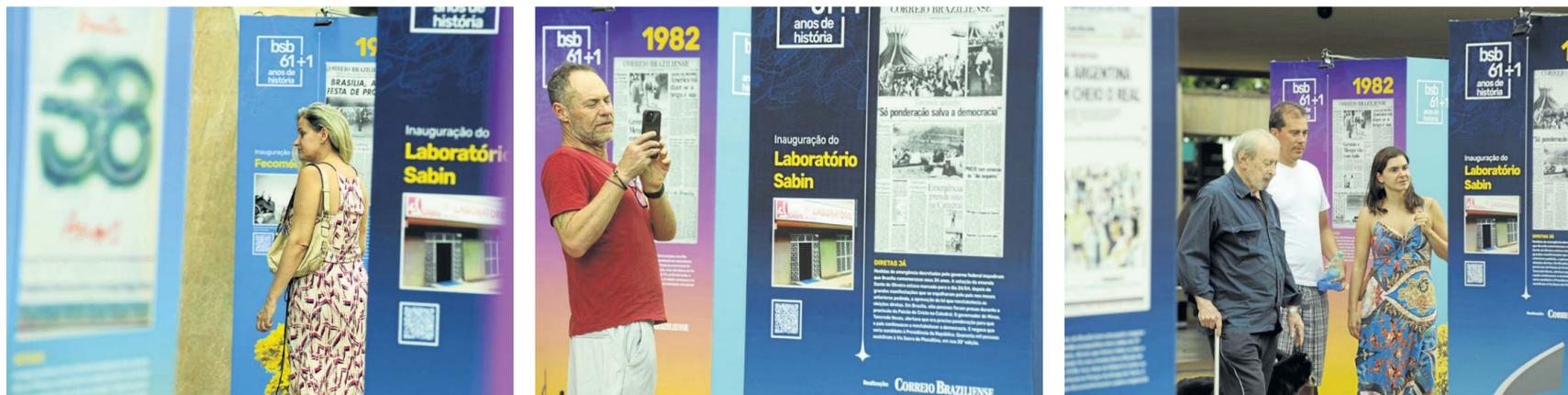
Eles foram aprendizes, se tornaram professores, diretores da Escola de Choro Raphael Rabello e, em seguida, se transferiram para o Rio de Janeiro e levaram o nome de Brasília para o país e para o mundo. Hamilton de Holanda tem uma agenda internacional.

Na verdade, o Eicho é resultado de um trabalho de décadas que Reco faz em universidades de países em vários continentes para divulgar e sensibilizar os estrangeiros para a beleza e a alegria do choro. É por isso que a segunda

edição do Eicho tem a participação de representantes do choro de Paris, de Roma, de Bologna, de Roterdã e de Viena. Investir na cultura é uma estratégia política inteligente. Ela forma a imagem de uma cidade. Lembro que a emergência da Legião Urbana e da geração do rock da década de 1980 mudou a visão dos jovens sobre Brasília.

O Clube do Choro e a Escola de Choro Raphael Rabello nos representam com dignidade ante o país e o mundo. Como dizia o embaixador Wladimir Murinho, então secretário de Cultura do DF: “Capital não pode ser passiva, não pode só receber, capital tem de irradiar”. Chorinho parece canto de passarinho, voo elétrico de beija-flor ou drible insinuante de Garrincha.

**TRADIÇÃO /** Uma exposição em que os fatos que marcaram Brasília desde a sua fundação por meio das capas do Correio tem chamado a atenção de quem vai ao CCBB. Novidade para a criançada é a mini redação



O Correio Braziliense tem a história misturada à de Brasília. O jornal que surgiu com a inauguração da nova capital presta agora uma homenagem à cidade que fez aniversário em 21 de abril

# 62 anos de história da capital

» RENATA NAGASHIMA

Fotos: Carlos Vieira/CB/D.A. Press

A história do **Correio Braziliense** e de Brasília se entrelaça desde o começo. A cidade e o jornal cresceram e evoluíram juntos. Um raro caso de amor entre uma cidade e um jornal, que fazem aniversário no mesmo dia — 21 de abril — e que neste mês se homenageiam e são homenageados com uma exibição de todas as capas publicadas na data comemorativa desde 1960.

O **Correio** foi um compromisso do jornalista Assis Chateaubriand com o presidente Juscelino Kubitschek de que a nova capital teria uma estação de televisão — TV Brasília — e um jornal desde o primeiro dia. A promessa foi cumprida e a ligação entre Brasília e o **Correio Braziliense** é fortalecida a cada ano. Esses 62 anos de conexão intensa e diária entre a cidade e o jornal se renovam a cada aniversário.

Os aniversariantes, ao longo dos anos, se revezaram no papel de narradores-personagens e todo esse enredo pode ser conferido na mostra, que é uma viagem de 62 anos pela história do mundo, do Brasil, de Brasília e dos brasilienses. Uma linha do tempo que vai de meados do século 20 aos primeiros 22 anos do século 21, é o que a exposição **Brasília e Correio Braziliense: 61 + 1** anos de história oferece aos brasilienses e aos demais visitantes no CCBB, até 20 de maio.

As 62 capas do **Correio Braziliense** publicadas nos dias 21 de abril de cada ano podem ser lidas em totens de 2 metros de altura e acompanhadas de viagens multimídias. Algumas edições terão um QR CODE que levará o visitante às histórias de marcas brasilienses que nasceram na cidade e cresceram com ela.

O servidor público Alexandre Azeredo, 53 anos, e a esposa Cynara Arnette, 47, não perderam tempo e fizeram uma viagem no tempo entre os pais. O casal foi almoçar no



O evento oferece uma oficina para que as crianças façam, por meio de brincadeiras, as suas próprias manchetes do Correio



A exposição com as capas do Correio chama a atenção de quem passa pelo CCBB. As pessoas relembram fatos marcantes



CCBB e se surpreendeu com a exposição. “Bem bacana a história que é contada aqui. Tem muita coisa interessante e a gente vai lembrando das

coisas. Por exemplo, na capa de 1984, falando dos servidores, a gente vê o quanto mudou para como é hoje”, aponta Alexandre.

Além dos totens, os visitantes também se perdem em um cenário instigante com fotos históricas da exposição. Para os pequenos também há

diversão. Em uma redação mimim, montada na área externa do CCBB, as crianças vão ouvir histórias da construção de Brasília e cada uma receberá

**A gente vai lembrando das coisas. Por exemplo, na capa de 1984, falando dos servidores, a gente vê o quanto mudou**

Alexandre Azeredo, servidor público

uma réplica da capa do jornal para criar suas próprias matérias e desenhos sobre o que sonham para Brasília nos próximos anos.